

Processo migratório uruguaio: percepções, significados e desdobramentos em Santa Maria (RS – Brasil)

Resumo

A questão migratória no Uruguai tem sido alvo constante de interesse acadêmico, uma vez que este país tem demonstrado saldo migratório negativo desde a década de 60, ou seja, o contingente emigratório tem superado o imigratório nos últimos 50 anos. Partindo das narrativas e das trajetórias e vivências experienciadas por 14 migrantes uruguaio residentes na cidade de Santa Maria (RS – Brasil), foi possível observar como retratam, percebem e significam os seus processos migratórios. Foi constatada uma multicausalidade atribuída aos elementos considerados motivadores do fenômeno, além de algumas questões específicas, como: a situação política e econômica do Uruguai, oportunidades proporcionadas pela Universidade Federal de Santa Maria e relatos de migrações por amor.

Palavras-chave: Migração internacional; Uruguaio; Trajetórias e vivências.

Ana Camila Ferreira

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria – Brasil.
anacamilafer@gmail.com

Maria Catarina Chitolina Zanini

Doutora em Ciência Social pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal de Santa Maria – Brasil.
zanini.ufsm@gmail.com

Para citar este artigo:

FERREIRA, Ana Camila; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Processo migratório uruguaio: percepções, significados e desdobramentos em Santa Maria (RS – Brasil). *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 15, n.28, p. 190 - 222. jan./jun. 2014.

DOI: 10.5965/1984724215282014190

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724215282014190>

Uruguayan migratory process: perceptions, meanings and developments in Santa Maria (RS – Brazil)

Abstract

The migration issue in Uruguay has been a constant focus of academic interest, once this country has shown a negative migratory balance since the 60's, that is, the emigratory contingent has surpassed the immigratory in the last 50 years. Based on the life experiences' oral reports of 14 Uruguayan migrants residing in the city of Santa Maria (RS – Brazil) it was possible to observe how these individuals portray, perceive and signify their migratory processes. A multicausality was found being assigned to elements considered motivators of the phenomenon and some specific matters were noticed such as: the political and economic Uruguayan situation, opportunities provided by the Federal University of Santa Maria and stories of love migration.

Keywords: International migration; Uruguayan; life experiences.

Introdução

Sabe-se que a migração é um fenômeno multifacetado e, portanto, de interesse multidisciplinar, foco de atenção de muitos pesquisadores e um debate constante nas agendas internacionais. Trata-se, igualmente, de um fenômeno de difícil generalização e enquadramento, salientando o quanto as historicidades também devem acompanhar sua análise. Em relação ao processo migratório na América Latina, podem-se destacar momentos históricos distintos, com particularidades e trânsitos específicos (MASSEY et. al., 2008 e PELLEGRINO, 2010), que dialogam com a história ocidental mais ampla.

A questão migratória atual atingiu tal complexidade que, apesar de relacionada às desigualdades econômicas entre países, à oferta e demanda de mão de obra, ao deslocamento de refugiados e aos conflitos e guerras civis, esses fatores se tornaram insuficientes para explicar tal fenômeno mundial.

A situação migratória uruguaia

A migração internacional teve um impacto tão importante na população uruguaia durante toda a sua história que o pesquisador Mandeville, representante do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento do Uruguai (PNUD), declara que “sus huellas se veen a flor de piel”¹ (In PELLEGRINO, 2009, p. 5) em todo o país: nas famílias, na cultura, na dinâmica da vida econômica, social e política, em sua trajetória histórica e em sua composição demográfica, tornando-se um componente essencial para compreender a sociedade uruguaia.

O Uruguai, durante o período colonial das emigrações europeias, acolheu grandes cotas de imigrantes que proporcionaram crescimento demográfico e impactaram substancialmente a conjuntura cultural, inclusive, de acordo com Pellegrino (2009), ideologicamente, influenciando posteriormente o surgimento de sindicatos e a difusão de ideais anarquistas e socialistas. Assim como outros países da América Latina, a partir da década de 60 do século passado, o Uruguai se converteu em expressivo emissor de migrantes.

¹ “Suas pegadas se veem à flor da pele”

Neste sentido, Boggio (2008) comenta que:

Así como en otras épocas el puerto montevideano vio bajarse de los barcos a tantos nuevos pobladores de la mano de un sueño, desde hace algunos años es el Aeropuerto Internacional de Carrasco la principal puerta de salida de los uruguayos, muchos de ellos nietos y bisnietos de los que una vez llegaron a ‘hacer la América (BOGGIO, 2008, p. 21).²

A questão migratória no Uruguai tem sido alvo constante de análise acadêmica e é entendida por muitos pesquisadores como um fenômeno estrutural e, por conseguinte, um problema nacional que merece mais atenção governamental (TAKS, 2006; , CABELLA e PELLEGRINO, 2007, DICONCA e SOUZA, 2001; CALVO EMIREIS, 2007, VACCOTTI, 2010; BOGGIO, 2008), uma vez que este país tem demonstrado saldo migratório negativo desde a década de 60, ou seja, o contingente emigratório superior ao imigratório nos últimos 50 anos.

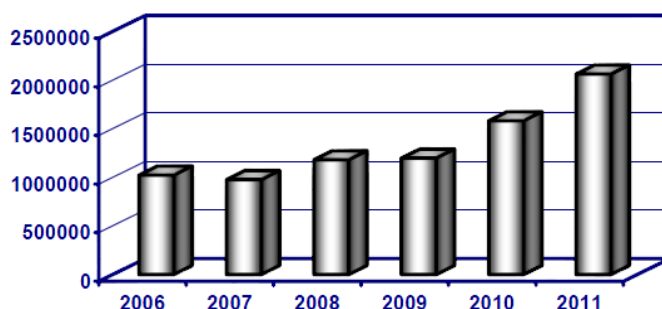
O contínuo saldo migratório negativo transformou profundamente a ideia de um país de imigrantes por uma visão mais realista da situação demográfica. Neste sentido, Calvo e Mireli (2007, p.9) dizem que “[...] aquella imagen del Uruguay al cual los inmigrantes llegaban a trabajar y vivir es muy lejana de la realidad actual”³.

De acordo com a Dirección Nacional de Migración do governo uruguaio, nos últimos sete anos se pode observar um incremento no contingente de emigrantes (Figura 1 e Tabela 1).

² “Assim como em outras épocas o porto de Montevideo viu tantos novos povoadores descerem dos barcos com um sonho, há alguns anos o Aeroporto Internacional de Carrasco é a principal porta de saída de uruguaiois, muitos destes netos e bisnetos dos que uma vez chegaram para ‘fazer a América’.”

³ “[...] aquela imagem de um Uruguai no qual os imigrantes chegavam para trabalhar e viver está muito distante da realidade atual”.

Figura 1 - Emigrantes uruguaiois de 2006 a 2011



Fonte: Anuarios Uruguayos. Dirección Nacional de Migración, Ministerio del Interior. Republica Oriental del Uruguay.

Tabela 1 – Emigrantes uruguaiois de 2007 a 2011

Emigrantes uruguaiois					
Ano	2007	2008	2009	2010	2011
Número	976.118	1.179.503	1.197.403	1.581.023	2.061.154

Fonte: Anuarios Uruguayos. Dirección Nacional de Migración, Ministerio del Interior. Republica Oriental del Uruguay.

A situação uruguaia, segundo a literatura, está normalmente associada a três principais causas, que são: a emigração laboral, a propensão nacional a emigrar, também entendida como uma “cultura de emigração”, e a ausência de políticas públicas voltadas à contenção de *brain drain*⁴ e ao estímulo da economia uruguaia. No entanto, apesar do grande número de estudos sobre este tema, poucas pesquisas consideram a perspectiva dos sujeitos envolvidos, isto é, não é comum que sejam averiguados os aspectos percebidos como motivadores do processo migratório segundo os indivíduos uruguaiois.

A pesquisa da qual deriva este artigo foi desenvolvida com o intuito de contribuir neste aspecto, apresentando e analisando as trajetórias e vivências experienciadas pelos migrantes uruguaiois residentes na cidade de Santa Maria (RS – Brasil), com base na

⁴ Termo também denominado como ‘fuga de cérebros’ e entendido como a emigração de indivíduos treinados e talentosos de um país de origem para outro país, resultando em uma diminuição de recursos humanos naquele, segundo o Glossário da Organización Internacional para Migraciones (OIM, 2004).

análise de suas narrativas pessoais. Isto permitiu verificar como estes indivíduos retratam, percebem e significam seus processos migratórios e se puderam identificar os elementos considerados importantes e motivadores da imigração uruguaia a partir de seus próprios pontos de vista.

Do aporte metodológico

Visto que os processos migratórios atuais estão inseridos em uma dinâmica constante, não cabe mais se fixar no uso das tipologias tradicionais de “emigrante” e “imigrante”, pois estes conceitos são marcados por uma rigidez que não responde à realidade contemporânea. Por esse motivo, utilizar-se-á a palavra migrante para identificar os cidadãos uruguaios cujas vidas são marcadas por trajetórias migratórias, salvo em situações para as quais seja relevante evidenciar a direção do fluxo migratório.

Para a presente análise, foram utilizados 14 relatos. É importante ressaltar que houve uma busca pela pluralidade de indivíduos, para garantir um amplo espectro de relatos e uma diversidade de fontes sobre o fenômeno migratório uruguaio. Os 14 migrantes que contribuíram para este trabalho possuem diferentes profissões, idades e tempo de residência em Santa Maria. Salienta-se que se optou por identificar estes interlocutores apenas com as iniciais de seus nomes para preservar suas identidades, apesar do fato de a maioria das entrevistas se ter iniciado com uma apresentação geral, realizada de forma espontânea, isto é, quando convidados a relatar suas histórias de migração, sempre começavam fornecendo seu nome, idade e local de nascimento. O uso de nomes fictícios foi um acerto entre pesquisadores e entrevistados, para fins de publicação de seus relatos.

O marco temporal da pesquisa corresponde ao ano de 2013; os relatos foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Durante esta pesquisa, houve uma constante manutenção da interlocução, considerando que assim seria possível manter uma troca de informações frutífera para a investigação. Buscou-se evitar qualquer possível relação hierárquica entre os envolvidos para evitar a antiga dicotomia pesquisador *versus* informante.

Para isso, levou-se em consideração o aporte metodológico proposto por Cardoso de Oliveira (2006), que nos lembra como a relação hierárquica resulta em um empobrecimento do ato cognitivo, criando um campo ilusório de interação e ainda:

Ao trocarem ideias e informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abre-se a um diálogo em tudo e que por tudo supera a antiga relação pesquisador/informante. [...] O ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto uma verdadeira interação (OLIVEIRA, 2006, p. 24).

Demartini (2005) afirma que os relatos orais, quando aplicados às pesquisas sobre migração, possibilitam apreender uma variedade de representações e visões de indivíduos socialmente inseridos em diferentes posições. Ainda neste sentido, Thomson (2002) comenta que esta técnica é um recurso extremamente rico para o estudo das migrações, uma vez que as histórias e as narrativas dos migrantes constituem uma parte essencial da experiência migratória, pois trabalham com o imaginário de futuros possíveis, mostrando como convivem com as consequências de sua migração e delas extraem sentido. Os testemunhos dos migrantes revelam, portanto, o complexo entrelaçamento de fatores e influências que contribuem para o fenômeno.

Neste contexto, cabe frisar que esta abordagem metodológica, voltada ao registro da trajetória do migrante uruguaio, não pode ser descontextualizado da realidade social que a produziu, de sua historicidade. E ainda, o registro das experiências em relação ao processo migratório é marcado pela memória seletiva dos indivíduos, fato que, de forma alguma, invalida este tipo de fonte (SEYFERTH, 2005).⁵ Cabe lembrar que, de acordo com Halbwachs (1990), em caso de memórias se trabalha com narrativas efetuadas no presente sobre o passado, o vivido. Trata-se, portanto, de um processo de releitura do acontecido em que os entrevistados, por meio de negociações simbólicas e de opções narrativas, refazem seus trajetos.

⁵ SEYFERTH (2005) lembra que os relatos orais são delimitados pela memória seletiva dos indivíduos e esta realidade não invalida as nossas fontes, uma vez que, à parte da (im)precisão sociológica que possa ser eventualmente produzida, os registros são certamente reveladores das relações entre passado e presente constitutivas das mudanças culturais e sociais.

Balcazar (2010) também comenta que a maneira com a qual os indivíduos recordam o passado, descrevem o presente e imaginam o futuro está marcada pelo contexto social de suas experiências e sua posição social. E o passado é constantemente ‘filtrado’ pelo presente, ou seja, reavaliado, reassumido e reinterpretado e as fontes orais:

[...] son, ante todo, fuentes vivas, actuantes, que constituyen una matriz compleja de producción de sentido, que se expresan mediante la vivencia, la evocación, la memoria, la narración oral, entre otras. Las fuentes vivas no son resurrecciones de experiencias reales, sino reconstrucciones de lo vivido (BALCAZAR, 2010, p. 196).⁶

As entrevistas utilizadas como fonte de análise para esta pesquisa foram desenvolvidas de modo que o interlocutor refletisse sobre a sua vivência migratória de forma retrospectiva, para que, assim, pensando sobre sua história de vida, pudesse relatar os principais aspectos que motivaram sua vinda a Santa Maria e/ou ao Brasil, uma vez que se sabe que a entrevista pode desencadear um processo de reflexão sobre as experiências vividas (ETCHEVERRY, 2007).

Neste sentido, foram relevantes as sugestões tecidas por Boni e Quaresma (2005) no tocante à formulação das questões elaboradas pelo pesquisador durante a sua investigação científica, visto que as autoras ressaltam que as perguntas devem ser realizadas levando em consideração a sequência do pensamento do pesquisado, de forma que seja dada continuidade à conversação, para que assim a entrevista possa ter um sentido lógico para o interlocutor.

⁶ “[...] são principalmente fontes vivas, atuantes, que constituem uma matriz complexa de produção de sentido, que se expressam mediante a experiência, a evocação, a memória, a narração oral, entre outras. As fontes vivas não são ressurreições de experiências reais, mas reconstruções do que foi vivido.”

Sobre a fronteira

Nos relatos dos migrantes cuja cidade natal é Rivera (42% da amostra, isto é, seis migrantes naturais dessa cidade), notou-se uma constante referência à “fronteira” e uma autoidentificação como procedente “da fronteira”, a partir de uma relação de pertencimento. A “fronteira” é referida tanto a partir de sua concepção política, isto é, como limite entre os Estados-nação do Brasil e Uruguai, quanto como concepção cultural. É nesta perspectiva que Leenhardt (2001) comenta que o sentido atribuído à noção de fronteira, além de ser o limite de um reino ou de um estado, também é associado à inexistência deste limite na vivência das populações que a margeiam. A cidade uruguaia de Rivera faz fronteira com a cidade brasileira de Santana do Livramento.

Essa afirmação pode ser compreendida quando verificamos que:

As trocas entre lá e cá, as articulações entre o *eu* e o *eles*, as influências de ambos os lados e a consciência de um *nós*, ultrapassam barreiras, cruzam limites, por vezes de modo silencioso, por outras de forma gritante, dando concretude ao fenômeno fronteira, tornando-a viva, porosa, diluída, borrada e extremamente dinâmica a partir de ações compartilhadas (MULLER; OLIVEIRA, 2005, p. 3).

A fronteira, por conseguinte, pode ser pensada sob dois aspectos distintos. Primeiramente, numa visão estática, vinculada às demarcações políticas e geográficas dos territórios, como a definição proposta pela Organización Internacional para las Migraciones (OIM, 2004)⁷. Segundo, a fronteira pode ser pensada como um campo fluido, permeável e enredado, com base em uma análise atenta ao modo de vida dos sujeitos que habitam essas regiões, e que convivem com seus recortes limítrofes. Analisando essas concepções, Nogueira (2007) relata, oportunamente, como a ideia inicial voltada para o limite territorial remete ao latim “in front”, isto é, às margens, um espaço relacional definido pelo outro.

Durante o estudo das acepções dadas ao termo fronteira, Nogueira (2007) identifica duas categorias de análise: fronteira percebida e fronteira vivida. Aquela se

⁷ Segundo o glossário desenvolvido pela OIM (2004), a fronteira deve ser entendida como a linha que separa o território ou a zona marítima de um Estado do outro.

refere à percepção da fronteira a partir dos indivíduos que não vivem neste espaço e tendem a associá-la a imagens negativas e a conotações depreciativas, como já foi apontado por outros autores (MULLER; OLIVEIRA, 2005 e REBELATTO, 2011). Já o conceito de fronteira vivida tem como estrutura uma atitude eminentemente antropológica, visto ser desenvolvida com base na relação em que o sujeito que vive na fronteira se relaciona com este lugar, interpretando-a a partir da compreensão que seus habitantes fazem do local e como ali se relacionam e interagem.

Portanto, para compreender a conurbação⁸ Rivera-Santana do Livramento, é importante levar em consideração essas particularidades presentes neste espaço fronteiro, pensá-la como “híbrida e mestiça, acima de qualquer coisa” (REBELATTO, 2011) e buscar entender a dinâmica existente no cotidiano dos indivíduos que habitam essas áreas. Desta forma, para analisar as questões expostas pelos interlocutores deste estudo, será utilizada a concepção de “cultura de fronteira”⁹ desenvolvida por Hartmann (2006 e 2010), ou a cultura que pode ser observada nestes espaços em que coexistem sujeitos, tradições, histórias, economias, idiomas e narrativas.

Pode-se identificar a cultura de fronteira, proposta por Hartmann (2006 e 2010), no seguinte trecho da entrevista realizada com a interlocutora M. H:

Mas a convivência na fronteira é uma cultura muito característica assim, não existe em outro lugar [...] Realmente as culturas se misturam, tem origens mais ou menos parecidas, historicamente... Toda esta parte do RS pertenceu ao Uruguai, isso você sabe... Então nós temos raízes muito fortes. Eu sempre digo... essa coisa que os povos tem, uma coisa cultural, inventada, para que a gente seja brasileiro, uruguaio, boliviano [...] Já falou John Lennon assim, que não tem fronteiras, tá? Em Rivera e Livramento não existe isso! Nós estamos separados por uma praça, por uma rua - não sei se você conhece – é uma cultura só! [...]

⁸ Termo utilizado para definir a malha urbana criada por duas cidades; resultado da união de duas ou mais cidades.

⁹ Hartmann (2006, 2010) discute a ideia de ‘cultura de fronteira’ durante o estudo de narrativas orais e de análise dos eventos narrados (referente ao conteúdo das histórias) e dos eventos narrativos (as performances de narração em si) de contadores de histórias e *causos* na região da tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. A autora enfatiza que, “considerando que a cultura emerge através de suas representações e que há uma retroalimentação entre estas, pode-se concluir que a cultura desta fronteira gera narrativas que, por sua vez, geram interpretações sobre este cultura, ou seja, não são apenas reprodutoras desta cultura, mas também a produzem” (2006, p. 183).

Então eu sempre digo que sou da linha. Quando me perguntam ‘você é de Rivera?’ eu digo não... eu sou da linha! E não gosto nem de fronteira, porque ela não existe!¹⁰

A inferência de pertencer à linha e viver nela já foi identificada por Rebelatto (2011), durante sua investigação para compreender os meandros das relações de fronteira. Descobriu tratar-se de uma forma de a população fronteiriça identificar a demarcação territorial, além de explicá-la como uma linha imaginária que conecta e separa as cidades, uma vez que “é difícil por vezes reconhecer onde começa, onde termina esta fronteira” (REBELATTO, ; 2011, p. 26).

A conurbação Rivera-Santana do Livramento, neste sentido, é considerada uma situação especial, que foge ao usual de contexto fronteiriço por vários pesquisadores que estudam essas áreas, pois se trata de uma fronteira seca que ocasiona o entrelaçamento entre o Brasil e o Uruguai, exatamente como é descrito por M.H. Martins (2006, p. 235): “A divisa se dilui no traçado das duas cidades, confundindo o forasteiro de modo até não saber se está num ou noutro lado da fronteira, motivo para gracejos dos habitantes locais”.

O interlocutor O.M., também natural de Rivera, enquanto descreve como amigos e conhecidos o ajudaram a planejar a sua vinda para Santa Maria e forneceram apoio em sua chegada, comenta sobre a cultura de fronteira presente na região:

Eu já conhecia também um outro pessoal, assim, amigo do amigo, sabe? Lá de Livramento... Como eu te dizia, as duas cidades são muito integradas, então Livramento-Rivera e Rivera-Livramento são duas coisas, quase assim, indivisíveis. Então, esse conhecimento de pessoas e amigos é quase natural.¹¹

O. M. relembra de forma vívida aquele 28 de fevereiro de 77, “uma data assim que ninguém pode esquecer, nós não esquecemos”, quando chega a Santa Maria, junto com sua esposa, para iniciar uma nova fase de sua vida, trazendo consigo alguns pertences e

¹⁰ M.H., sexo feminino, 55 anos, estudante de pós-graduação, natural de Rivera, reside em Santa Maria há três anos.

¹¹ O. M., sexo masculino, 63 anos, professor universitário, natural de Rivera, reside em Santa Maria há 36 anos.

uma carta para um amigo da família que já vivia na cidade: “Cheguei na rodoviária, com malas e um travesseiro embaixo do braço. Isso era tudo que a gente trazia... e uma carta, de um parente da minha esposa para um amigo dele. Isso era tudo o que a gente tinha!”

Os amigos e conhecidos formam as redes de contatos dos migrantes, também denominadas redes migratórias. Tais redes vinculam os indivíduos e operam de maneira significativa durante o processo de gestação e realização do desejo de migrar, por meio da transmissão de informações pertinentes, assim como através de ajuda econômica, possuindo um efeito multiplicador de migração (ARANGO, 2003 e VELASCO, 2009).

No relato do interlocutor K. S. também se pode identificar a importância que o contato com outro indivíduo estrangeiro teve em seu processo de adaptação à cidade, como se verifica no seguinte trecho:

Tinha outro professor aqui... chicano como dizem... ele era nascido nos Estados Unidos, mas a mãe era mexicana. E nós éramos os estrangeiros aqui no departamento, então meio que nos escorávamos um no outro, porque estávamos sozinhos, entende? Convivemos um bom tempo e isso foi também uma forma de... meio que amenizar a falta de família, de amigos... de um monte de coisa, que quando você muda de país... a cultura é totalmente diferente, é difícil de se adaptar.¹²

Truzzi (2008) afirma que é conveniente distinguir entre as redes sociais e as redes migratórias. Aquelas são pré-existentes ao processo migratório e alimentam as segundas. Este autor também sublinha o papel ativo que os emigrados desempenham em suas sociedades de origem, visto que influenciam o comportamento de novos migrantes em potencial, seja estimulando ou moderando projetos de migração.

Ademais, Firmeza (2007) chama atenção para o fato de que as condições que desencadeiam os movimentos migratórios podem ser diferentes daquelas que os perpetuam e insere neste argumento a noção de rede migratória para demonstrar como os laços sociais existentes entre migrantes e futuros migrantes favorecem a perenidade de um fluxo migratório. Este autor também comenta que, “ao longo do tempo, cada novo migrante reduz os custos e os riscos das migrações subsequentes para um conjunto

¹² K. S., sexo masculino, 57 anos, professor universitário, natural de Montevidéu, reside em Santa Maria há 25 anos.

de parentes e amigos”, promovendo, assim, a manutenção deste fluxo (FIRMEZA, 2007, p. 28).

Deste modo, consta no relatório desenvolvido pela OIM, em 2011, sobre o perfil migratório uruguaio, que as redes migratórias constituem um fator de alta importância para compreender a dinâmica migratória deste país, pois permitiriam que a emigração fosse uma saída imediata para as dificuldades presentes no Uruguai.

Experiências diaspóricas

Segundo o Informe de Resultados do Censo Populacional de 2011 sobre “Inmigrantes Internacionales y Retornados en Uruguay”, da OIM, a migração de retorno tem desempenhado um papel importante no contexto migratório deste país, considerando que a partir do ano de 2009 se verifica um aumento deste fluxo devido à deterioração econômica de alguns dos principais países receptores de migrantes uruguaios.

O glossário de 2004 da OIM define a migração de retorno (*return migration*) como o movimento de uma pessoa que retorna a seu país de origem ou residência habitual após passar pelo menos um ano em outro país. Ressalta que este retorno pode ser ou não voluntário.

O relatório de 2011, realizado pela Comisión Sectorial de Población sobre “Expectativas y Experiencias de Retorno de Uruguayos” foi feito com base em entrevistas com uruguaios que residiram no exterior e destaca o papel relevante que o tempo e a temporalidade (tempo interpretado subjetivamente) desempenham no fenômeno de migração de retorno. Neste sentido, os pesquisadores identificaram uma valorização do “tempo” que é passado fora do Uruguai e um conflitante “processo de digestão do retorno”.

En ocasiones predomina la mirada del ayer desde el lugar en que se está actualmente; en otros casos se recorre la experiencia linealmente, etc. Esto supone que no sólo las vivencias, experiencias y las propias

trayectorias migratorias son diversas sino que también lo son los formatos del relato, en donde “el tiempo” juega un papel central (COMISIÓN SECTORIAL de POBLACIÓN, 2011, p.11).¹³

Este relatório também informa que a decisão de retornar (quando o retorno é voluntário) é influenciada por um conjunto de fatores, motivos e causas e que esta combinação normalmente é catalisada por uma situação específica, como, por exemplo, algum caso de enfermidade na família. Entretanto, os interlocutores, quando indagados se sentiam desejo e vontade de retornar ao Uruguai, responderam, de uma forma geral, que não pensavam nesta possibilidade naquele momento. Comentaram sentir-se muito identificados com o Brasil, como vemos na seguinte passagem:

Não, não, não penso em retornar para o Uruguai. A minha vida é aqui, eu tenho muitos mais anos de vida aqui no Brasil do que lá. Então lá eu volto sim, porque tem a casa do meu pai. Meu pai, depois que a minha mãe morreu... minha mãe morreu quando eu tinha 20 anos... e depois meu pai voltou a casar e a minha madrasta tá lá até hoje. Então todo o ano a gente volta lá.

Eu volto, mas volto só de férias. Não cogito, de forma alguma, pelo menos por enquanto, voltar pro Uruguai; na realidade, é curioso essa sensação... eu volto, a gente volta lá e eu sinto que eu não pertencço lá no Uruguai... eu gosto de ir lá, me sinto bem, mas eu não...eu percebo que eu não pertencço ao Uruguai, entendeu? Eu pertencço aqui, eu me sinto muito bem aqui no Brasil. Então não tenho essa vontade... nunca pensei... quem sabe mais no futuro quando eu me aposentar... ou sei lá...¹⁴

Também foi identificada, nas respostas sobre a possibilidade de retornar ao Uruguai, uma sensação conflituosa que parece ser comum aos migrantes que deixaram seu país de origem, de acordo com os comentários dos interlocutores O.M. e K.S.:

¹³ “Às vezes, o olhar de ontem predomina a partir do local em que se está atualmente; em outros casos recorre-se à experiência de forma linear, etc. Isto supõe que não só as experiências e as próprias trajetórias migratórias são diversas, mas que também são os formatos do relatos, onde “o tempo” desempenha um papel central”

¹⁴ I. P., sexo feminino, professora universitária, 49 anos, natural de Montevidéu, reside no Brasil há 43 anos e em Santa Maria, há 17 anos.

Aí é uma questão bastante delicada. Porque, por um lado, fica aquela coisa de onde eu nasci... Essa é uma coisa muito difícil de explicar, tem esse sentimento, sabe? Ah... tu vê uma fotografia do lugar... tu vê um filme que passa no lugar... E aí vem uma série de lembranças...

Por outro lado, já tem acontecido comigo e com minha esposa, de chegar na cidade e a gente se sentir turista e estrangeiro! Mesmo que tenha familiares lá que continuam mantendo esses laços. Mas nós, chegando na cidade e na região, nós somos estrangeiros, já! Se passam alguns anos também... 36 anos, não é pouca coisa não!¹⁵

Eu sinto muito forte as raízes, estão muito arraigadas, muito presentes... mas voltar... não sei, nunca pode se dizer nunca, mas acredito que vai ser muito difícil.

Porque já depois de mais de 30 anos aqui no país... apesar de que estamos tão próximos, vários pontos de contatos que daria pra dizer que, se não são iguais, são semelhantes... há diferenças enormes! E eu não sei se me adaptaria... porque eu tenho ido com uma disposição de turista e uma das coisas que me chocou por exemplo, que depois que faleceram meus pais, a casa deles foi vendida... eu fui e tive que ir a um hotel. Aquilo me chocou de uma forma que você não imagina! Porque foi uma situação impensada, que nunca pensei que ia ter que passar por aquilo e me afetou muitíssimo e não gostei nada! E depois há coisas que mudaram muito! E as mudanças... digamos que não se encaixam com as lembranças que... que eu tenho.¹⁶

Este sentimento confuso, vivenciado pelos interlocutores, também foi identificado por Assis (2002), em sua investigação sobre a comunidade de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos e a relação com sua terra natal. Escreve: “A história da imigração não é apenas daqueles que partiram, mas também daqueles que ficaram” (Id., p. 11). A autora verificou que muitos brasileiros, após passarem longos períodos trabalhando na “América”, retornaram ao Brasil e perceberam que não conseguiam mais viver aqui. Por este motivo, decidiram regressar aos Estados Unidos, apesar de sentirem muita saudade de suas famílias que ficaram em Governador Valadares. Assis (2002) escreve que a

¹⁵ O. M., sexo masculino, 63 anos, professor universitário, natural de Rivera, reside em Santa Maria há 36 anos.

¹⁶ K.S., sexo masculino, 57 anos, professor universitário, natural de Montevidéu, reside em Santa Maria há 25 anos.

saudade, neste contexto, é um sentimento inerente ao ato de emigrar¹⁷ e que, ao mesmo tempo em que relata uma ausência, implica a tentativa de se manter em contato com o local de origem, como podemos verificar nos relatos descritos. Por saudade, entende-se o sentimento de falta, de ausência, daquilo que Sayad (2000, p.14) denomina de dor, ou seja, “uma dor compartilhada entre os que partem e os que ficam”.

O transnacionalismo (WIMMER e GLICK-SCHILLER, 2002; BLANC, GLICK SCHILLER, SZANTON, 1995) presente nas trajetórias migratórias deve ser observado como um diálogo possível entre mundos, quando os processos de identificação se desdobram nas situações interativas e cotidianas, o que os transforma, do ponto de vista interativo, em transmigrantes¹⁸. Trata-se de um alargamento de pertencimentos, por um lado, pois se está afetiva e simbolicamente em dois mundos ao mesmo tempo; por outro lado, algumas certezas se desfazem e relações pessoais se enfraquecem. Há rupturas e descontinuidades vividas, por vezes, com sofrimento. A manutenção ou não de tais vínculos é sempre uma decisão complexa e que envolve indivíduo e famílias.

A interlocutora A. G. também descreve este conflito vivenciado por O. M e K. S. A sra. A.G. fez uma tentativa de retornar à sua cidade natal, Taquarembó, após o falecimento de seu esposo, mas o sentimento de “ser estrangeiro no Uruguai” fez com que ela retornasse ao Brasil:

Acabei ficando, ficando, ficando... depois... sempre quando a gente vem para cá tem vontade de voltar... esse é um sonho... todo mundo que sai tem esse sonho de voltar depois...E como foi?(A Sra. A. G. faz uma pausa, coloca a mão na teste e comprime os olhos) Tô tentando me lembrar... já faz tanto tempo! Todo mundo tem o sonho de voltar, mas tu sabe o que acontece? Depois... tu... acaba adquirindo a cultura daqui! Ai tu já começa a ter conflitos e tu não consegue mais se adaptar lá... é incrível!

Porque eu tentei... eu disse “ai vou-me embora, vou-me embora!”, sabe? Ai, eu fiz de tudo... porque eu fiquei viúva depois... e nessas eu queria ir

¹⁷ A emigração é talvez a experiência que, ao promover este deslocamento no espaço, torna a saudade uma marca deste sentimento nostálgico em relação aos amigos, parentes, lugares e eventos que ficaram num outro tempo e lugar e ao mesmo tempo uma reafirmação da identidade (ASSIS, 2003, p. 84).

¹⁸ Por transmigrantes, entendem-se, conforme Glick Schiller e Fouron (1997, p. 45), aquelas pessoas que “fazem mais do que manter ligações sentimentais: tomam decisões quotidianas, mantêm relações familiares, praticam atividades religiosas, tratam de assuntos financeiros e organizam atividades políticas dentro de uma rede de relações sociais que se estende para além das fronteiras nacionais”

embora, voltar. Eu tinha família e tudo lá. Da minha família só eu que saí para fora. E ninguém mais.

Eu disse tá, vou voltar. Tentei voltar e não aguentei! Fiquei um ano certinho. E... (pausa) ah, não combinava nada comigo mais, sabe?

Tu não gosta mais de mais nada. Não, não é que tu não gosta. é que tu já não pertence ali! Aí tu passa a ser estrangeiro lá e estrangeiro aqui! Tu chega lá e tu é estrangeiro!¹⁹

Nestes percursos e opções que o processo migratório oferece, muitos não se ‘reconhecem’ mais em sua terra de origem e tampouco têm uma sensação de pertencimento completo com o país para o qual migraram. Têm uma sensação de estar entre-mundos e, neste aspecto, questões de honra e lealdade familiar também são postas à prova.

Diconca e Souza (2001) analisaram as percepções dos uruguaiois emigrantes a partir da visão dos indivíduos que não emigraram, uma vez que não se deve considerar o emigrante “*en forma aislada*”, assim como proposto por Assis (2002), e notaram que há um complexo quadro de representações coletivas em torno destes sujeitos que emigraram e que emigram.

Os dados relativos às percepções sobre os emigrantes demonstram que existe uma diferenciação “emigrante e não-emigrante” e um certo atrito entre “*los de adentro*”, isto é, os indivíduos que não partiram do Uruguai e “*los de afuera*”, os emigrantes uruguaiois. As autoras afirmam que “*ya no son iguales todos los uruguayos, no-emigrantes se diferencian de emigrantes, los que están en Uruguay pertenecen a otro universo que aquellos que están fuera de Uruguay*” (DICONCA e SOUZA, 2001, p. 62)²⁰. Esta diferenciação é catalisada por algumas situações pontuais, tal como a discussão do direito e acesso ao voto dos uruguaiois radicados no exterior.²¹ Portanto, além desta

¹⁹ A. G., sexo feminino, 53 anos, empreendedora, natural de Taquarembó, reside em Santa Maria há cinco anos.

²⁰ “os uruguaiois já não são iguais, não-emigrantes se diferenciam de emigrantes, os que estão no Uruguai pertencem a outro universo do que aqueles que estão fora do Uruguai.”

²¹ Para mais informações sobre as políticas públicas de vinculação de uruguaiois, ver Vacotti (2010) e o desenvolvimento da Direção de Assuntos Consulares e de Vinculação com os Uruguaiois no Exterior, denominada Departamento 20, em alusão à divisão política-administrativa uruguaia de 19 departamentos. Neste contexto, Boggio (2008) ressalta que este órgão governamental uruguaio foi criado com o intuito de vincular “*la patria peregrina*”.

situação conflituosa, que é a experiência diaspórica, os migrantes uruguaio também estão expostos a esta diferenciação averiguada por Diconca e Souza (2001).

Migrantes por amor

A interlocutora A. G. é uma ‘migrante por amor’, pois que veio para o Brasil para acompanhar seu marido brasileiro, de forma que se sente muito sozinha após o falecimento de seu esposo e, como vimos, decide, sem êxito, retornar ao Uruguai. Ela conheceu seu esposo brasileiro no Uruguai, “nessas idas e vindas”, pois ele viajava constantemente para o Departamento de Taquarembó onde sua família possuía uma fazenda. Ela se casou em 1985 e no mesmo ano se mudou para o interior da região central do estado do Rio Grande do Sul para viver com seu marido.

Aí eu conheci meu marido, meu futuro marido... porque eles tinham fazenda por lá, então ele viajava sempre pra lá, e a família era daqui do Brasil, prá fora de Santa Maria. E ele ia sempre pra lá porque tinham fazenda, a mãe dele era uruguaia. Então ele ia, e nessas idas e vindas eu conheci ele lá e me casei e vim embora.

Os migrantes por amor descrevem seus projetos migratórios partindo de seus sentimentos (GIRONA, MASDEU, PUERTA, 2012; GIRONA, et al. , 2008); portanto, são sujeitos que têm como principal motivo para seus deslocamentos questões amorosas e afetivas. King (2002 *apud* MAI; KING, 2009) ressalta que as migrações por amor são componentes essenciais no novo mapa dos processos migratórios. Os autores argumentam que o amor e o afeto atuam de forma direta na tomada de decisão migratória. Nossa pesquisa salientou o quanto, sem este sentimento ou esta motivação, muitos dos projetos migratórios pesquisados teriam fracassado. Foi este sentimento, vinculado à noção de família enquanto valor muito caro, que possibilitou a migração de longo prazo.

Estes autores ressaltam a importância de analisar a questão migratória atual sob o prisma das relações amorosas e criticam o fato de o estudo de migrações e mobilidade humana (quando não se trata de deslocamentos forçados devido a conflitos) contemplar

apenas duas abordagens principais, uma focada no aspecto econômico e sociológico, centrada na relação custo-benefício, e a segunda, que parte de uma perspectiva antropológica, que trata dos aspectos socioculturais e de identidade. As teorias explicativas dos fenômenos migratórios estão relacionadas, de forma recorrente, às diferenças nos níveis salariais entre os países de origem e destino, ao cálculo realizado pelos migrantes entre o custo e o benefício do projeto migratório, aos fatores de repulsão e atração presentes nos países e à economia mundial e ao mercado global, que influenciariam diferenças econômicas e de desenvolvimento social, assim impulsionando as migrações.

Segundo Mai e King (2009), estas abordagens têm marginalizado o papel das emoções, dos sentimentos e afetos na motivação e na experiência da migração. Deste modo, os autores sublinham que o amor, seja por um companheiro, amigo ou parente, é frequentemente o fator-chave que influencia diretamente o desejo e a decisão de migrar, tornando esses indivíduos migrantes por amor.

De acordo com Medeiros (2011, p. 58), atualmente podemos presenciar novas formas de conjugalidade, uma vez que o modelo de família tradicional está se tornando incoerente com os valores de nossa sociedade, e temos observado também novas formas de configuração familiar, inclusive com maior incidência de casais binacionais. Apesar de os casamentos binacionais não constituírem um modelo recente, nota-se que “a globalização tem facilitado as uniões de parceiros de origens diversas”, considerando que o aumento de viagens internacionais e a utilização de novas tecnologias contribuem para o aumento das relações entre indivíduos de variadas nacionalidades, e o promovem (MEDEIROS, 2011). Girona (2007) também percebe que a eclosão e viabilização de relacionamentos binacionais se tornam expressivas a partir da década de 90, devido à facilidade de acesso aos meios de comunicação e informação.

No relato da interlocutora R. S. também se pode identificar uma incidência de migração por amor, pois a sua mãe migra para o Uruguai com o marido uruguaio. Os pais de R. S. se conhecem na região das minas do Camaquã. Ela era natural de Caçapava do Sul e ele, um uruguaio que havia migrado temporariamente para a cidade para trabalhar nas minas. Após o seu casamento, a mãe de R. S. migra para o Uruguai, pois seu marido havia

decidido que o trabalho nas minas já não era tão lucrativo quanto ele desejava e que buscava melhores oportunidades em seu país natal. R. S. conta que toda esta experiência foi extremamente difícil para sua mãe e que ela sempre sonhava em retornar ao Brasil.

Eles se conheceram por ali. E casaram. Mas o sonho dela... (pausa) Sempre ela comentava, comenta ainda, que ela ia até a fronteira, cada vez que vinha ao Brasil, ela ia até a fronteira uruguaia chorando... com a esperança de ficar no lado de cá. Daí via que não tinha saída... e tá, continuava a viagem normal.²²

R. S. também conta que sua mãe sofria muito preconceito no Uruguai, além de não ser bem aceita pela família de seu pai, e identifica como principal causa deste preconceito a cor morena de sua pele e o fato de ela não ser fluente na língua espanhola. A mãe de R.S. separou-se do marido uruguaio quando tinha 50 anos e decidiu retornar ao Brasil com seus três filhos: o mais velho tinha 22 anos; R. S. tinha 15 anos e o mais novo tinha quatro anos de idade.

A experiência diaspórica descrita por Hall (2009) também foi, e ainda é, vivenciada pela mãe de R. S., como se pode observar no seguinte trecho de seu relato:

Ela sentia muita falta da família... Ela sempre foi considerada brasileira lá, assim como aqui chamam ela de uruguaia (risadas). Então ela ficou meio sem... (pausa) meio perdida, entende?

A vida de R. S. é marcada por muitos episódios de migração, como ela tem orgulho em relatar. A sua vinda ao Brasil, após a separação conturbada de sua mãe, é considerada a mudança mais drástica e emocionalmente desgastante:

Aos 15 anos eu vim para Brasil. Daí fui para Porto Alegre, morei ali até os 21 anos... fui para Bagé, aí casei... e moramos... aí foi idas e vindas, moramos um pouco em Bagé... bah me perdi um pouco aqui... eu casei em 85, moramos nesse meio tempo... de 90 a 92 em Porto Alegre, em 92 voltamos para Bagé. Então o máximo que eu morei foi quatro anos em cada lugar! (risadas) Em 92 voltamos para Bagé, daí fomos para Edimburgo, na Escócia. Moramos quatro anos lá, voltamos para Bagé em 99. Aí, em 2003, meu marido fez concurso para cá, para a Universidade, passou e viemos para Santa Maria e ficamos de 2003 a 2008 em Santa Maria. Depois fomos para Espanha por um ano, até 2009. E agora voltamos e estamos em Santa Maria. Foram muitas mudanças! A mais difícil foi a primeira (pausa) quando eu sai do Uruguai prá cá... foi difícil para todos nós...

²² R.S., sexo feminino, professora estadual, 49 anos, natural de Mello, reside em Santa Maria há nove anos.

Apesar de viver no Brasil desde os 15 anos de idade e apesar do fato de a sua família materna ser brasileira, de se ter casado com um brasileiro, ter três filhas brasileiras e de considerar a língua portuguesa como sua segunda língua materna, R. S. ainda mantém vivo o sentimento de pertencimento ao Uruguai:

Mas um detalhe assim... eu me sinto uruguaia, é engraçado porque a mãe diz quando eu vou preencher um papel 'coloca brasileira' e eu digo 'não, eu sou uruguaia!' (risadas).

Nesta pesquisa também foram identificadas mais três histórias de migração por amor. A interlocutora D. L., 61 anos, vive em Santa Maria há 41 anos e é uma migrante por amor. Ela conheceu seu esposo brasileiro quando tinha 23 anos e realizava seu curso de especialização na Espanha. Eles se conheceram neste ambiente acadêmico espanhol, pois seu marido também realizava um curso de pós-graduação na instituição. Namoraram por um ano, decidiram se casar e viver em Santa Maria, devido a um convite feito a seu esposo para ministrar aulas na Universidade Federal de Santa Maria.

Situação semelhante é vivida por C. C., 53 anos. Quando seu companheiro fez concurso para ser docente desta universidade, foi aprovado e se mudou de Montevideú para Santa Maria. Um ano depois, C.C. decidiu migrar para a cidade para que pudessem ficar juntos. Após dois anos, ela também presta concurso público e se torna professora na instituição federal de ensino superior.

O senhor H. B., atualmente com 64 anos, também é um migrante por amor e relata que quando tinha 30 anos ajudou um de seus amigos a se mudar de Montevideú para São Paulo. Ele conta que os dois viajaram 33 horas de carro até São Paulo, levando a mudança, e desde aquele episódio, de 70 a 82 ele passa a visitar este amigo com frequência, até o momento em que migra definitivamente para o Brasil, como relata: *“Em 82 decidi vir para aqui porque me apaixonei por uma brasileira”*. H. B. fez sua pós-graduação no Brasil e há seis anos prestou concurso público na Universidade Federal de Santa Maria, e se mudou para a cidade.

O papel da universidade e das migrações laborais via ciência

Entre os relatos dos interlocutores desta pesquisa, notam-se referências frequentes à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como se pode perceber nos discursos anteriormente mencionados. Sabe-se que a comunidade santa-mariense está ligada, de uma forma geral, a esta instituição, uma vez que Santa Maria é considerada uma cidade universitária. Pode-se inferir que o processo migratório dos sujeitos uruguaiois está constantemente associado à possibilidade de estabelecer uma carreira de docência e ao acesso à educação de ensino superior de qualidade e pública, como também se constata nos trechos abaixo:

*Me formei em Ciências Biológicas pela Universidade da Republica e queria continuar na área da Bioquímica... mais especificamente na Toxicologia... e não existia essa carreira universitária no meu país. Daí tentei a prova para ingresso no programa aqui em Santa Maria e tive sucesso!*²³

*Eu não gosto muito da política que adota meu país na educação do ensino universitário e acho que... (pausa) a remuneração no Brasil é maior e mais justa.*²⁴

*Ganhei uma bolsa para estudar na UFSM, ou seja... em certa forma Santa Maria me escolheu. Eu devia colocar três universidades nas que gostaria de estudar... e a UFSM tinha linhas de pesquisa nas que achava que poderia encaixar o meu projeto de mestrado... Hoje em dia, estou bem feliz de ter tido a sorte de chegar nesta cidade.*²⁵

Prá mim valia a pena perder um tempinho fazendo cursinho, e fazer o curso aqui, com aulas com um número muito reduzido em comparação as aulas do Uruguai... a UFSM é bem conceituada no país... e é a que fica mais perto de Rivera!²⁶ A minha mãe viu que tinha saído um vestibular EaD para um tecnólogo em agricultura familiar, era a primeira turma. Daí ela veio fazer... fez vestibular e passou. Daí a partir daí ela passou a ter muito contato com a Universidade e eu também. Daí ela também se apaixonou pela universidade e em 2010, março de 2010, eu me mudei para cá. Eu fiz técnico

²³ M. C., sexo masculino, 29 anos, estudante de pós-graduação, natural de Rivera; reside em Santa Maria há três anos.

²⁴ R. G., sexo masculino, 18 anos, estudante de cursinho pré-vestibular, natural de Rivera; reside em Santa Maria há sete meses.

²⁵ R. G., sexo masculino, 39 anos, estudante de pós-graduação, natural de Montevidéu; reside em Santa Maria há um ano e oito meses.

²⁶ T. R., sexo feminino, 22 anos, estudante de graduação, natural de Rivera; reside em Santa Maria há cinco anos.

*em agropecuária no Politécnico e agora eu tô começando a fazer Biologia...*²⁷

A interlocutora M. E. é filha de M. H e justifica a sua migração para Santa Maria a partir do processo migratório de sua mãe, que, como já vimos, veio para a cidade há três anos. M. H. migra para Santa Maria em função das oportunidades de estudos oferecidas pela UFSM e comenta que o acesso à educação superior no Uruguai é restrito aos indivíduos que têm condições financeiras suficientes para viver na capital do país, onde está localizada a Universidad de La Republica (Udelar), a principal instituição de ensino superior e de investigação do país, como se pode ver no seguinte relato:

*Mas também... razões econômicas fizeram com que... eu tivesse mais possibilidade de estudar no Brasil do que ir para Montevideo e estudar no Uruguai. Agora tem mudado, mas na minha época quem queria estudar tinha que ir morar em Montevideo... E isso significava muito dinheiro! Mesmo que o estudo seja público, não se paga nada. Mas você tem que morar lá, tem que ter uma moradia, tem que se alimentar...*²⁸

Cabe ressaltar, no entanto, que a Udelar criou, em 2005, a Comissão Coordenadora do Interior (CCI) com o objetivo de descentralizar o ensino universitário no país, permitindo o acesso à educação no interior.²⁹ Desta forma, esta instituição uruguaia está investindo na criação de polos de ensino em diversas cidades para evitar que jovens do interior do país tenham que se deslocar até Montevideu para frequentar o ensino universitário e, assim, promover o desenvolvimento econômico e social destas áreas.

As oportunidades proporcionadas pela UFSM para os migrantes uruguaio se inserem no quadro mundial de migrações movidas pela ciência. Cientistas, intelectuais e outros profissionais altamente qualificados buscam países que incentivem seus projetos de pesquisa e garantam a disponibilidade de recursos. Neste contexto, Van Nordeen (2012) comenta que a geração de conhecimento e a pesquisa são empreendimentos sem fronteiras e que a ciência está em movimento (“*science is on the move*”).

²⁷ M. E., sexo feminino, 21 anos, estudante de graduação, natural de Rivera, reside em Santa Maria há três anos.

²⁸ (M.H., sexo feminino, 55 anos, estudante de pós-graduação, natural de Rivera, reside em Santa Maria há três anos.)

²⁹ Informações fornecidas pela Universidad de La Republica em <http://www.cci.edu.uy/> e <http://www.universidad.edu.uy/>. Acesso em: jul. 2013.

Uma das causas associadas ao processo migratório uruguaio, conforme foi comentado, é a cultura de emigração presente neste país, também denominada propensão nacional para emigrar. Pellegrino (2009) afirma dominar no Uruguai uma cultura de emigração e ainda que “el proyecto emigratorio se ha incorporado como una opción importante en el imaginario colectivo de la población” (PELLEGRINO, 1993 *apud* DICONCA, SOUZA, 2001, p.170).³⁰

Taks (2006) também cita a relevância desta propensão nacional para emigrar, afirmando que a emigração é entendida como uma forma tanto individual como familiar para solucionar problemas de ordem econômica e social, assim como a insatisfação de indivíduos em relação ao país.

Cabrera (2010) e Boggio (2008) lembram que a cultura migratória está arraigada na história uruguaia e no imaginário coletivo e que a propensão nacional para emigrar se refere a uma atitude, opinião ou desejo dos uruguaios de mudar de local de residência. Cabrera (2010) demonstra, com base na ‘Encuesta Nacional de Adolescencia y Juventud’, desenvolvida pelo governo uruguaio, que um em cada quatro jovens uruguaios planeja migrar para outro país.

Por conseguinte, deve-se levar em consideração que esta cultura de emigração é latente nos uruguaios e também se torna um aspecto motivador do processo migratório destes sujeitos. No seguinte relato de A.G., uma migrante por amor, também podemos identificar esta propensão nacional:

Foi assim ó... eu vim para cá no ano de 1985... todo mundo saía do Uruguai nessa época! Os jovens vup (interjeição sonora) se mandavam. Por quê? Por causa da ditadura, certo? Eram tempos terríveis! E bom, todo o Uruguai ficou um país de pessoas velhas na época. Até hoje tem um outro Uruguai fora do Uruguai... é incrível! Se tu já estudou tu sabe que tem outro Uruguai fora do Uruguai. Saía muita, muita gente, o pessoal saía para a Argentina e para a Europa... e eu tinha vontade de sair também, sabe? Tu vai criando aquela vontade, mas não um motivo especial, era por sair no más... sabe? Eu era nova, então não tinha um motivo bem especial e eu acabei ficando com aquela coisa ‘ah todo mundo tá saindo...

³⁰ “o projeto emigratório foi incorporado como uma opção importante no imaginário coletivo da população”

Verifica-se, neste comentário de A.G., que a cultura de emigração presente no Uruguai também influenciou sua decisão de deixar o país, além de seu projeto de migração por amor. Seria inconcebível ignorar o fato notório de que a ditadura militar, instituída em 27 de junho de 1973 por meio do golpe militar, marcada por perseguição, tortura e execução de opositores do regime, assim como pela ilegalidade dos sindicatos e a proibição dos partidos políticos, desempenhou um papel extremamente relevante nas ondas emigratórias. Segundo Taks (2006):

El golpe de estado militar en 1973 fue la señal más clara de estancamiento y crisis social, lo cual provocó el año siguiente el mayor pico de emigración en la historia con destinos principales en Argentina, Brasil, Estados Unidos, Canadá, Australia, Venezuela y México (TAKS, 2006, p. 142).³¹

No relato de I. P também se nota a influência da situação política uruguaia na decisão de emigrar. A interlocutora é trazida para o Brasil aos seis anos de idade, com dois irmãos mais velhos no ano de 1973, quando seus pais decidem morar em São Paulo. O pai de I. P. decidiu sair do Uruguai em 1972, quando já existia um clima de instabilidade política e econômica no país. É nesta perspectiva que I.P. comenta: “[...] não sei te dizer se a oportunidade surgiu ou se o meu pai foi atrás desse emprego, eu sei que a gente veio para cá e estamos aqui desde aquela época.”

O pai de I. P. era engenheiro e se mudou para São Paulo em 72. Após um ano, decidiu que, após vivenciarem algumas situações de opressão, traria a família de Montevideú para começar uma nova vida no Brasil, como relata a interlocutora:

*Tava quase estourando o golpe militar no Uruguai... a minha irmã já estava começando a participar de movimentos políticos e em uma manifestação dos estudantes, ela ficou presa na Faculdade de Arquitetura. Lá, prenderam todos os manifestantes, não deixaram sair!
Meu pai, anos anteriores... uns dois ou três anos anteriores... também tinha sido preso por conta de ter aderido a uma greve... ele trabalhava na, no que seria a AES Sul aqui, mas era pública, não era particular... e ele era chefe de*

³¹ “O golpe de estado militar em 1973 foi o sinal mais claro de estagnação e crise social, o qual provocou, no ano seguinte, o maior pico de emigração na história, e teve como destinos principais Argentina, Brasil, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Venezuela e México.”

um setor, ele aderiu à greve do setor em que ele trabalhava e foi preso também!

Então uma série de razões levou o meu pai a avaliar se valia a pena continuar morando no Uruguai, dado que a situação de segurança não tava garantida, né?

Ele, ele mesmo, não era militante político de esquerda nem nada... mas ele tinha primos que estavam muito enfiados na política... e claro, sempre a primeira coisa que eles vão ver é a família dessas pessoas...

E eu lembro uma vez que eu tava voltando da escola... (pausa) eu tava no jardim... e voltando da escola com a minha mãe, eu chego e tava os militares todos na minha casa, revistando toda a casa!

Então foram várias coisas que levaram os meus pais a avaliarem se valia a pena continuar morando lá...³²

Boggio (2008) sublinha que, mediante a instalação do regime militar, os uruguaio são forçados a emigrar devido à perseguição política; portanto, o exílio se torna uma prática nacional de forma simultânea com a emigração decorrente da situação econômica. Cabella e Pellegrino (2007) também afirmam que a emigração se tornou uma alternativa perante a crise e estagnação econômica e a instabilidade política, que culminou na ditadura militar no Uruguai. Pode-se afirmar que desde 1973 a emigração internacional é um fenômeno estrutural presente na população uruguaia.

Considerações finais

Levando em consideração a realidade contemporânea, marcada por um constante fluxo de indivíduos no contexto internacional, e a rigidez simbólica das tipologias tradicionais de “emigrante” e “imigrante”, no presente trabalho foi utilizada a palavra migrante para designar os uruguaio cujas vidas são marcadas por trajetórias migratórias, salvo em situações em que foi relevante evidenciar a direção do fluxo migratório.

Este artigo evidenciou que a questão migratória no Uruguai tem sido alvo constante de análise acadêmica, uma vez que este país tem demonstrado saldo migratório negativo desde a década de 60, com um contingente emigratório, nos últimos 50 anos, superior ao do imigratório. Entretanto, apesar de um vasto número de

³² I. P., sexo feminino, professora universitária, 49 anos, natural de Montevidéu, reside no Brasil há 43 anos e em Santa Maria há 17 anos.

investigações sobre esta situação, foi identificada uma carência de pesquisas que considerassem a perspectiva dos sujeitos envolvidos, isto é, não se estudavam os aspectos percebidos como motivadores do processo migratório segundo os indivíduos uruguaiois.

Com esta perspectiva, partindo dos relatos orais das trajetórias e vivências de 14 migrantes uruguaiois residentes na cidade de Santa Maria (RS – Brasil), observamos como estes indivíduos retratam, percebem e significam os seus processos migratórios. Nesta pesquisa, foi constatada uma multicausalidade atribuída aos elementos considerados importantes e motivadores do fenômeno migratório do ponto de vista dos próprios emigrados uruguaiois, isto é, uma multicausalidade na interpretação dada à decisão de emigrar para o Brasil e Santa Maria.

Esta constatação vai ao encontro da literatura atual, a qual afirma que os estudos de mobilidade humana não se devem restringir a abordagens unifocais, concentradas na interpretação econômica ou sociológica do tema. Sabe-se que a relação custo-benefício, as desigualdades econômicas, os fatores de repulsão e atração presentes nos países e as consequentes diferenças nos níveis salariais de um país a outro, assim como a oferta e demanda de mão de obra, apesar de constituírem uma condição necessária para o fenômeno migratório, não são suficientes para explicá-lo o fenômeno. Embora precondição, não são necessariamente determinantes na decisão de emigrar.

Por conseguinte, a multicausalidade observada responde à complexidade da questão migratória atual. A análise multifacetada torna-se fundamental para o entendimento da questão. Também foram observadas questões específicas, consideradas motivadoras do processo migratório uruguaio, a partir da perspectiva dos migrantes, como: a situação política e econômica do Uruguai; a possibilidade de estabelecer uma carreira de docência e a oportunidade de ingresso no ensino superior gratuito e de qualidade na Universidade Federal de Santa Maria; a presença de uma cultura de emigração, também chamada de propensão a emigrar, e relatos de migrações por amor, vivenciadas por sujeitos que tiveram como principal motivo de seus deslocamentos questões amorosas e afetivas.

Em relação às migrações por amor, ressalta-se a marginalização do papel das emoções, dos sentimentos e afetos nos atuais estudos migratórios, o que evidencia a importância de se considerar este aspecto. Destaca-se, também, a importância desempenhada pelas redes migratórias no processo de gestação e realização do desejo de migrar, de forma a constituir um fator de alta importância para compreender a dinâmica migratória. Além disso, foi identificada uma sensação em geral conflituosa e confusa nos relatos dos migrantes, o sentimento de “ser estrangeiro no Uruguai”, situação descrita por Hall (2003) como condição inerente ao processo migratório.

Cabe comentar, também, haver sido identificada uma relação de pertencimento à “fronteira” nos relatos dos migrantes naturais da cidade de Rivera - 42% da amostra. Para interpretar a constante referência à “fronteira” e a autoidentificação como sendo “da fronteira”, utilizou-se o conceito de “cultura de fronteira” desenvolvido por Hartmann (2006 e 2010). Em suma, entre mundos em diálogo, estes indivíduos alargaram e estenderam seus pertencimentos de fronteira para o centro do Estado, refazendo suas vidas e a de seus descendentes entre idas e vindas.

Referências

ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. *Migración y Desarrollo*, n.1, p.1-30, 2003.

ASSIS; Gláucia de Oliveira. Estar aqui, estar lá...Uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. *Núcleo de Estudos de População* Campinas: UNICAMP, 2002.

BALCANAZAR, Nara Patricia; et al. Historia de vida e historia oral. *Investigación Cualitativa*. Toluca: UAEMex, 2010.

BLANC, Linda; GLICK SCHILLER, Nina; ZANTON, Cristina. Transnationalism, Nation-States, and Culture. In: *Current Anthropology*, v. 36, n. 4, p. 683-686, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2744260>>. Acesso em: ago., 2011.

BOGGIO, Karina. Emigraciones uruguayas: entre pérdidas y construcción de nuevas redes. *Revista Nuestra América*, n. 6, p.15-28, 2008.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v.2, n.1, p.68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: ago., 2013.

CABELLA, Wanda; PELLEGRINO, Adela. Emigración: diagnóstico y aportes para discutir políticas. In: CALVO, Juan J.; MIERES, Pablo (Org.). *Importante pero urgente: políticas de población en Uruguay*. Montevideo: UNFPA, 2007.

CALVO, Juan José; MEREIS, Pablo. Introducción. In: CALVO, Juan J.; MIERES, Pablo (Org.). *Importante pero urgente: políticas de población en Uruguay*. Local: Editora, 2007. CABRERA, Mariana. Propensión migratória de los adolescentes y los jóvenes. In: *Encuesta Nacional de Adolescencia y Juventud: Segundo informe*. Montevideo: INJU - INFAMILIA, 2010.

COMISIÓN SECTORIAL DE POBLACIÓN. *Expectativas y experiencias de retorno de Uruguayos*. Montevideo: Presidencia OPP, 2011.

DEMARTINI, Zeila de B. F. Pesquisa histórico-sociológica, relatos orais e imigração. In: DEMARTINI, Zélia de B. F. ; TRUZZI, Oswaldo M. S. (Org.) *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

DICONCA, Beatriz; SOUZA, Lydia. *Percepciones en torno al uruguayo emigrante: enfrentamientos reales y virtuales*. [S.l.]: UNESCO, 2001. Disponível em <<http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2001/4-diconcasouza.pdf>>. Acesso em: nov. 2012.

DICONCA, Beatriz; SOUZA, Lydia. El camino del “afuera”: la opción de emigrar. In: *Anuario Antropología Social y Cultural en el Uruguay*, p.155-172, 2003. Disponível em <http://www.mpdc.es/components/com_mttree/attachment.php?link_id=19&cf_id=39>. Acesso em ago. 2013.

ETCHEVERRY, Daniel. *Identidade não é documento: narrativas de ruptura e continuidade nas migrações contemporâneas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FIRMEZA, George T. *Brasileiros no exterior*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

GIRONA, Jordi Roca. Migrantes por amor: la búsqueda y formación de parejas transnacionales. *Revista de Antropología Iberoamericana*, v.2, n.3, p.430-458, 2007.

GIRONA, Jordi Roca; MASDEU, Montserrat S.; PUERTA, Yolanda B. Migraciones por amor: diversidad y complejidad de las migraciones de mujeres. *PAPERS Revista de Sociología*, v.97, n.3, p.685-707, 2012.

GIRONA, Jordi Roca et al. *Amor importado, migrantes por amor: La constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*. Madrid: Ministerio de Igualdad. Secretaría General de Políticas de Igualdad. Instituto de la Mujer, 2008.

GLICK SCHILLER, Nina; FOURON, Georges. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 48, p. 33-65, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARTMANN, Luciana. Do campo à “campanha”: gênero, performance e narrativas orais na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. *Estudos Feministas*, v.18, n.1, p.81-100, 2010.

HARTMANN, Luciana. Narrativas orais: uma porta de entrada para a ‘cultura da fronteira’ entre Argentina, Brasil e Uruguai. In: MARTINS; CHIAPPINI (Org.). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização. *Revista de Literatura CULT*, v.45, 2001. Disponível em:
<http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=372>. Acesso em: ago. 2013.

MAI, Nicola; KING, Russel. Introduction – love, sexuality and migration: mapping the issue(s). *Mobilities*, v. 4, n. 3, p.295-307, 2009.

MARTINS, Maria Helena. Fronteira da paz e desvãos na harmonia. In: MARTINS; CHIAPPINI (Org.). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006.

MASSEY, Douglas et al. *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*. New York: Oxford University Press, 2008.

MEDEIROS, Maria das Graças L. Trajetórias, formas de conjugalidade e relações sociais de gênero entre casais binacionais. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v. 2, n. 1, p.1-9, 2011.

MULLER, Karla M.; OLIVEIRA, Tito C. Machado de. Identificação de elementos da cultura e da identidade apresentados pela mídia impressa na região de fronteira. In: CONGRESSO DA INTERCOM, XXVIII. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

NOGUEIRA, Ricardo J. B. Fronteira: espaço de referência identitária? *Ateliê Geográfico*, v. 1, n. 2, p. 27-41, 2007.

NORAMBUENA, Carmen C. La inmigración en el pensamiento de la intelectualidad Chilena 1810-1910. *Revista Contribuciones*. Santiago: Universidad de Santiago de Chile, 1995.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Perfil migratorio de Uruguay*. Buenos Aires, 2011.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Inmigrantes internacionales y retornados en Uruguay*. Buenos Aires, 2011.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Glossary on migration*. Ginebra, 2004.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, política e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 7-24, 2006.

PELLEGRINO, Adella. Tendencias de la migración internacional en América Latina y Caribe en la segunda mitad del siglo XX. In: OTEIZA, Enrique (Org.). *Patrones migratorios internacionales en América Latina*. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

PELLEGRINO, Adella. Uruguay: País de migrantes internos y externos. In: PELLEGRINO, Adella. *Material complementario del informe mundial sobre desarrollo humano*. Montevideo: PNUD, 2009.

REBELATTO, Francieli. *Atravessando a ponte, vivendo na linha: marcos e marcas de uma cultura de fronteira à luz da fotoetnografia*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. São Paulo: Editora da USP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Revista Travessia*. Ano XIII, n. especial, p. 1-34, 2000.

SEYFERTH, Giralda. Cartas e narrativas biográficas no estudo da imigração. In: DEMARTINI, Zélia de B. F.; TRUZZI, Oswaldo M. S.(Org.). *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. (Org.). São Carlos: EdUFSCar, 2005.

TAKS, Javier. Migraciones internacionales en Uruguay: de pueblo trasplantado a diáspora vinculada. *Revista Theomai*, n.14, p.139-156, 2006.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração (1935). *Revista Brasileira de História*, n. 44, p.341-364, 2002.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, v. 20, n. 1, p.199-218, 2008.

VACCOTTI, Luciana. *Transnacionalismo, emigración internacional y políticas de vinculación en Uruguay*. Havana: ALAP, 2010.

VAN NORDEEN, Richard. Science on the move. *Nature*, v. 280, p.1-4, 2012.

VELASCO, Juan Carlos. Transnacionalismo migratorio y ciudadanía en mutación. *Claves de razón práctica*, v. 197, p.32-41, 2009.

WIMMER, Andreas; GLICK-SCHILLER, Nina. Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences. *Global Networks*, v. 2, n.4, p. 301–334, 2002.

Recebido em: 10/03/2014
Aprovado em: 12/05/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista *PerCursos*
Volume 15 - Número 28 - Ano 2014
revistapercursos@gmail.com